



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O *ETHOS* HOMOERÓTICO EM *USINA*, DE JOSÉ LINS DO REGO

José Vilian Mangueira

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
vilian_mangueira@yahoo.com

RESUMO:

A literatura de José Lins do Rego tem sido lida, comumente, como criação memorialista, levando-se em conta a relação entre realidade e ficção, ou como um registro de um sistema socioeconômico nordestino em decadência. Trabalhos mais inovadores têm analisado os romances desse autor dando destaque às relações de gênero envolvendo o binômio heterossexual homem X mulher. O que se pretende com esse trabalho é oferecer uma nova possibilidade de leitura da obra de José Lins do Rego, destacando a representação do *ethos* homoerótico na obra *Usina*. O intento desse trabalho é chamar atenção para o modo como o sujeito gay masculino é concebido dentro de um universo literário criado por José Lins do Rego, que é simbolicamente construído com base na hegemônica heterossexual do sistema social em que suas narrativas se passam. Desse modo, procuraremos investigar a relação entre o personagem Ricardo e o cozinheiro Manuel, durante o tempo em que eles se encontravam presos em Fernando de Noronha.

Palavras-chave: Homoerotismo, Personagens gays; José Lins do Rego, Romance *Usina*.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Introdução:

A obra de José Lins do Rego é comumente lida levando-se em conta a sua produção denominada de cunho memorialista. Os seus livros considerados como integrantes do Ciclo da cana-de-açúcar – *Menino de engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Banguê* (1934), *Usina* (1936) e *Fogo morto* (1943) (cf. AZEVEDO, 1991, p. 221) – são os grandes destaques de sua produção, segundo os estudiosos mais consagrados que se debruçam sobre o trabalho desse autor. Outro fato que marca a obra do escritor José Lins do Rego é a exploração de um sistema social movido pelo poder do patriarcado. Seus romances destacam uma sociedade cujo mando é do homem e, principalmente, do homem com poderes de senhor dentro e fora de casa. Suas obras mais conhecidas traçam um panorama de uma família que se destaca no domínio dos engenhos da Várzea do Paraíba.

O enfoque desse sistema patriarcal faz com que a obra do escritor conceda às personagens femininas um lugar de inferioridade social que legitima e perpetua o poder e a agressão masculinos. Nestes textos, vemos que a mulher, dentro de uma sociedade que faz prevalecer os valores masculinos, encontra-se econômica, social e moralmente subjugada ao poder do patriarcado.

Ainda em relação às questões de gênero, entendemos que a obra do paraibano José Lins do Rego vai muito além do binômio heterossexual homem/mulher. Os romances desse escritor também exploram categorias de gênero consideradas não hegemônicas: a relação homem/homem e mulher/mulher. Como a crítica costuma dar destaque à representação do sistema patriarcal que se sobressai nos textos do autor, personagens com práticas homoeróticas são negligenciados pelos que se debruçam sobre a literatura desse escritor. Quando esta temática é abordada, não se tem um aprofundamento analítico, ficando apenas como comentário solto dentro de um enfoque maior. É o caso, por exemplo, de Luís Bueno, em *Uma história do romance de 30*. Ao falar sobre os textos do romance de 30 e as



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

representações sexuais, Bueno faz o seguinte comentário sobre a temática do homossexualismo¹:

O homossexualismo, aliás, é mais um dos temas que o romance de 30 incorporou de forma definitiva à ficção brasileira e um autor como José Lins do Rego, que muito reiteradamente relacionou sexo e sujeira, o tratou com surpreendente delicadeza, como forma de amor e não tara ou doença, em *Usina*, quando Ricardo está preso em Fernando de Noronha e tem um relacionamento com o cozinheiro Manuel, em que até algo de maternal se manifesta [...] (2006, p. 356).

O tema do homoerotismo não é o ponto principal das narrativas de José Lins do Rego, mas é algo recorrente em sua obra, uma vez que quatro romances do escritor lidam diretamente com esta temática: *Doidinho*, *Água-mãe*, *Riacho Doce* e *Usina*. Dois outros textos do autor, *Cangaceiros* e *Pedra Bonita*, ainda apresentam referências a um comportamento homoerótico de determinados personagens.

O que se pretende com esse trabalho é oferecer uma nova possibilidade de leitura da obra do escritor, destacando o comportamento homoerótico presente em *Usina* (1936). A análise que se faz aqui tenta construir uma percepção, utilizando a visão de Ricardo via discurso indireto-livre, do que seria um homossexual e quais as implicações que tal sujeito teria dentro da sociedade em que se insere. Para tanto, utilizamos o conceito de *ethos* apresentado por Thiago Ianez Carbonel: “O conceito de *ethos*, acima de qualquer simplificação, é relativamente simples: trata-se do ‘eu’ instaurado no discurso e que se identifica por ser aquele que diz ‘eu’” (2012, p. 72). Sendo assim, nossa leitura procura entender o modo como o personagem Ricardo identifica-se diante de uma relação com outro homem. Nesse percurso, interessa-nos compreender como Ricardo se percebe e como ele visualiza o “outro”.

Os estudos de gênero, especificamente os que se voltam para a “Teoria Queer”, destacam o modo como a cultura heteronormativa camufla a existência das relações que fogem ao padrão da normatividade. Por esse motivo, discorrer sobre a identidade

¹ Utilizamos aqui o termo empregado pelo crítico, mas sabemos que este termo não é mais adequado para se referir às relações entre pessoas do mesmo sexo, pois o sufixo “ismo” marca uma patologia que não é mais aceita.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

homossexual dentro de tal cultura constitui um ato problemático. Dessa forma, pensar o modo como o escritor José Lins do Rego construiu as relações homoeróticas é um ato que procura questionar um sistema patriarcal num contexto do Nordeste brasileiro, com seus valores sociais que desvalorizam as relações dos gays e lésbicas.

Dos “amores irregulares”:

Usina, de 1936, apresenta, em sua primeira parte, o relacionamento homoerótico de Ricardo e Seu Manuel, durante o tempo em que o negro Ricardo ficou preso em Fernando de Noronha. Todo o relacionamento dos dois presos é filtrado pelo narrador através da ótica do personagem Ricardo. Como ele não possui anteriormente, ao contrário de Manuel, um comportamento homoerótico, este personagem concebe a ligação entre dois homens como decorrente de circunstâncias que isolam homens do convívio sexual com mulheres: “Os homens se acostumavam da falta de mulheres amando uns aos outros” (REGO, 2002, p. 43). Dentro deste ambiente, a norma heterossexual parece ser esquecida: “Na ilha aquilo [sexo entre homens] não queria dizer nada, quase todos tinham simpatias daquele jeito” (REGO, 2002, p. 45). Embora se reconheça a existência de um comportamento sexual entre homens, as relações homoeróticas não são aceitas abertamente, uma vez que elas são descritas como “amores irregulares”: “Ninguém se espantava com estas ligações, com estes amores irregulares” (REGO, 2002, p. 43). Segundo a visão de Ricardo, utilizada pelo narrador na composição da trama, as ligações homoeróticas existem apenas como uma modalidade de satisfação do corpo durante um período de distância do sexo feminino. Desse modo, entende-se que a construção das relações homoeróticas apresentadas no romance em questão é posta como desviante e reprovável, tornando-as atos marginalizados, como fica claro na sua identificação como “amores irregulares”.

Como Ricardo não se sente completamente à vontade em uma ligação com outro homem, ele procura levantar argumentos que justifiquem o comportamento homossexual. De início, ele reconhece que há uma conduta homoerótica entre os meninos dos engenhos, mas



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

essas práticas não teriam continuidade na vida adulta, quando todos se ajustavam à normatividade heterossexual. Essas práticas desviantes seriam apenas consequências das descobertas sexuais dos adolescentes: “Um homem servir-se de outro. Lembrou-se dos tempos de menino, das porcarias que faziam entre si na bagaceira. Mas aquilo era de muito longe que nem lhe deixava uma recordação exata. Coisa de menino. Só por vadiagem besta” (REGO, 2002, p. 43). Mas ele também reconhece que, entre os seus conhecidos, existe o homem que dá continuidade às relações homoeróticas depois de passar pela adolescência. É o que ocorre com o beato Mané Pereira.

O caso de Mané Pereira é conhecido por todos os moradores do engenho Santa Rosa, de onde Ricardo vem. A caracterização desse personagem com práticas homoeróticas aparece em um romance anterior a *Usina*. Em *Doidinho* temos o surgimento desse personagem. Ele aparece nas duas obras com as mesmas características que o qualificam como homossexual. É assim que o narrador-personagem de *Doidinho* descreve Mané:

Era o negro que pedia esmolas para são Benedito [...] Falava-se dele, punha-se em dúvida a sua honestidade:
‘– O negro cai com os quartos! Sustenta os homens com o dinheiro do santo’
Sei lá! Podia ser tudo mentira. O andar miudinho do velho é que trazia aquelas suspeitas vergonhosas (REGO, 2004, p. 166).

É também dessa forma que Mané Pereira aparece em *Usina*. Ricardo afirma que o comportamento homoerótico daquele personagem é conhecido por todos da região, vivendo este sempre com “um moleque fornido, morando em sua casa. Diziam que ele gastava o dinheiro de Nossa Senhora do Rosário com os amigos” (REGO, 2002, p. 44). Como ocorre em outras (re)escrituras de seus próprios personagens, José Lins do Rego mostra uma diferença na configuração de Mané ao identificá-lo como devoto de dois santos distintos. Em *Doidinho*, ele aparece como devoto de São Benedito, já em *Usina* sua devoção é a Nossa Senhora do Rosário. Mas, quanto à caracterização do *ethos* gay do personagem, é mantida a mesma ideia de possuidor de um comportamento fora da normalidade, como aponta a expressão “suspeitas vergonhosas”.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Apesar de ter seus relacionamentos homossexuais sempre comentados por todos da região e de suas práticas sexuais não serem aceitas abertamente, Mané Pereira não sofre nenhum tipo de agressão direta – sejam elas físicas ou verbais – dos outros moradores. A ligação com o sagrado, Nossa Senhora do Rosário ou São Benedito, dá ao personagem certo respeito diante dos outros:

[...] na frente do negro velho ninguém ousava uma palavra, um dito safado. Respeitavam o coitado, não lhe diziam nada que não fosse de maior consideração. E Mané Pereira dormia na sua cama de vara com moleques que eles todos conheciam (REGO, 2002, p. 44).

Até mesmo uma outra parcela social tão marginalizada quanto o homossexual, as prostitutas, tinha respeito pelo beato: “Até as raparigas sabiam respeitar o grande concorrente” (REGO, 2002, p. 44). Mas a forma como o narrador se refere ao homossexual – “coitado” – deixa claro que há um preconceito velado diante das práticas sexuais do personagem. Ainda, ao aproximar Mané das prostitutas, o narrado deixa claro que as relações do beato com outros homens se baseiam em trocas financeiras, sem que seja identificado qualquer tipo de vínculo afetivo na ligação de Mané com os outros homens.

A identificação do personagem como homossexual se completa no momento que o narrador o qualifica usando a palavra que, na época, caracterizava o homem de comportamento sexual que fugia à normatividade heterossexual: “Aquele opa até os joelhos, aquela coroa de santa dentro do prato com rosas davam ao *sodomita* um prestígio de sacerdote” (REGO, 2002, p. 44) (grifo nosso); e quando descreve o andar do personagem ressaltando a forma descontraída de seu corpo: “E lá ia ele de *andar sacudido*, com a opa vermelha e a cabeça descoberta” (REGO, 2002, p. 44) (grifo nosso).

Nessas relações homoeróticas destacadas por Ricardo, há uma identificação apenas do homossexual com traços femininos, ou que assume o papel feminino da relação, como Mané Pereira. De modo algum, seja através da voz do narrador ou do próprio Ricardo, é identificado nos companheiros de Mané um comportamento homossexual. Ao que parece, a parte ativa não ganha rótulo algum. Ainda, como fica claro na descrição do personagem Mané



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Pereira, que possui um “andar sacudido” (REGO, 2002, p. 44), não é só a prática sexual que identifica o *ethos* homossexual, mas também seus trejeitos femininos. Tanto no engenho quando na prisão de Fernando de Noronha, os gays são identificados como “homens-mulheres” (REGO, 2002, p. 45).

Trazendo o que se fala sobre o personagem alusão Mané Pereira para a relação erótica entre Ricardo e o cozinheiro Manuel, na lógica de Ricardo, que representa o pensamento dos outros conhecidos do personagem, quem realmente é identificado com o *ethos* homossexual, dentro da prisão de Fernando de Noronha, é Manuel. A narrativa procura destacar que o cozinheiro tem uma relação com o médico da prisão e que, depois, passa a procurar Ricardo. Essa constância em relacionar-se com outros homens é que caracterizaria Manuel como gay e, assim como ocorre com os moleques do beato Mané, isenta Ricardo dessa identificação com o *ethos* homossexual.

Apesar de sentir-se envergonhado, Ricardo demonstra total entrega ao que Seu Manuel lhe oferece, chegando a comparar o carinho dele com outras formas de relacionamento heterossexual que Ricardo teve com sua primeira paixão, Isaura, e com sua esposa morta, Odete: “De noite seu Manuel ia para o quarto dele [Ricardo]. Trancavam-se e o criminoso de três mortes botava a cabeça de Ricardo nas pernas, passava as mãos na carapinha, como nunca mulher nenhuma teria feito com ele” (REGO, 2002, p. 50). Ao mesmo tempo em que demonstra sentir-se atraído por Manuel, ele sente-se envolto em um relacionamento que lhe causa nojo: “Às vezes Ricardo sentia náuseas de tudo isso, um nojo de se ver assim, acariciado, coberto de cuidados e de dengos de um outro homem” (REGO, 2002, p. 51). Essa atitude que mescla sentimentos dúbios diante das coisas é uma característica do personagem Ricardo e o acompanha em toda a sua trajetória no romance: “E ficou vacilando, como sempre fora a fraqueza de sua vida” (REGO, 2002, p. 73). Essa dubiedade não diz respeito apenas ao relacionamento que o personagem mantém com Manuel. Na verdade, o que marca a ligação homoerótica de Ricardo com Manuel é o carinho que este demonstra por Ricardo e o tratamento de respeito que aquele tem pelo companheiro. Quando Ricardo está se despedindo de Manuel, para voltar para o Recife, vemos que o cozinheiro reconhece em Ricardo o único



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

homem que o tratou com respeito e carinho: “Até ali só encontrara um que fora bom para ele. Era Ricardo [...] Só Ricardo era bom, dera-se com o gênio dele, sabia entender o seu coração” (REGO, 2002, p. 60).

Via discurso indireto-livre, o narrador mostra o que significa o relacionamento entre estes dois prisioneiros da ilha de Fernando de Noronha, fazendo com que Ricardo identifique em Manuel um tipo de amor que não foi possível encontrar em outros relacionamentos heterossexuais: “Um amor mais feroz do que o de Isaura na hora boa, mais pegajento do que o de Odete” (REGO, 2002, p. 58). Dessa comparação entre as mulheres que Ricardo amou e sua ligação atual com um homem, temos a identificação do prazer sexual vindo da relação com Isaura, e do sentimento afetivo que unia o personagem a sua esposa Odete. Ou seja, Manuel ofereceria a Ricardo sexo e afeto.

Essa mesma ideia é reforçada quando Ricardo enxerga em Manuel a junção de duas outras figuras femininas que lhe proporcionaram sentimentos sublimes e prazer sexual— mãe e prostituta: “[Manuel] Vinha com aquela ternura que era uma mistura de agrado de mãe e de rapariga, tão bom, tão carinhoso que ele se perdia outra vez, entregando-se a tudo que viesse, até o fim” (REGO, 2002, p. 52). Diante da identificação constante de Manuel com as figuras de mulheres que marcaram a vivência de Ricardo, fica a certeza de que o cozinheiro assume o papel de passividade no ato sexual, configurando-se, assim, dentro da lógica preconceituosa de Ricardo, como o “sodomita”, ou seja, aquele que assume socialmente o *ethos* da homossexualidade.

À medida que se estreita a proximidade entre os dois presos, dá-se o reconhecimento de que o relacionamento sexual deles era algo fixo e não mais um encontro casual. Primeiramente, é o próprio Ricardo que reconhece que ele vive “de grande, naquela sem-vergonhice, com um homem como mulher no quarto, passando bem, comendo do melhor que se comia na ilha” (REGO, 2002, p. 55). Depois são seus colegas de prisão que identificam nos dois um casal: “Na ilha todo mundo sabia da coisa. Olhavam para eles dois como marido e mulher” (REGO, 2002, p. 43). Diante dessa identificação da relação dos dois presos como uma união, cria-se para os dois uma situação de estabilidade afetiva, metaforizada na união



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

“marido e mulher”. Ela ainda reforça a ideia de que Ricardo assume o papel masculino, marido, e Manuel, o do feminino, mulher. Ou seja, Ricardo mais uma vez se distancia do *ethos* homossexual.

Embora esta primeira parte do romance tenha como foco narrativo a visão de Ricardo, o narrador conduz a história diretamente através da mente de diferentes personagens, valendo-se do discurso indireto-livre, num processo narrativo, identificado por Friedman, como onisciência seletiva múltipla (FRIEDMAN, 2002, p. 177). Graças a esse processo narrativo, é possível percebermos um posicionamento do cozinheiro Manuel quanto ao seu relacionamento com Ricardo. Na visão de Seu Manuel, seu comportamento homossexual é visto como um castigo: “[Ele] Tinha aquele fraco. Era uma desgraça um homem precisar de outro, como ele precisava [...] melhor tudo o que fosse pior na vida do que precisar um homem de outro como ele” (REGO, 2002, p. 59). Analisando o modo como o narrador dá menos voz ao cozinheiro e, também, destacando a exteriorização verbal deste personagem de que tem necessidade da presença de outro homem em sua vida, mais uma vez é reforçada a ideia de que é Manuel quem assume na relação dos dois a construção do *ethos* gay.

Embora os dois tenham consciência de que o comportamento homossexual seja algo que traga nojo, no caso de Ricardo, ou seja visto como um castigo, no caso de Manuel, os dois não conseguem se desligar um do outro por vontade própria. O sentimento que se cria entre eles é tão forte que Ricardo, quando percebe que Seu Manuel sente-se triste com sua partida para Recife, cogita na possibilidade de não deixar a prisão, para ficar com o companheiro. Essa atitude de negar a liberdade seria justificada porque Ricardo reconhece que:

Gostava do outro, nunca ninguém fora assim dele, fizera dele tudo no mundo. Seu Manuel era um branco, tinha um cabelo estirado como os brancos do Santa Rosa e vivia precisando dele, fazendo o impossível para lhe arranjar um agrado. Quem o amara assim? Mãe Avelina, Isaura, Guiomar, Odete? Ninguém no mundo tivera para ele um amor como aquele de seu Manuel (REGO, 2002, p. 61).

A narrativa reforça a ideia de intensidade da ligação dos dois quando eles demonstram um ato de carinho na frente de todos os outros prisioneiros, durante a despedida de Ricardo:



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

“E, na despedida da praia, enquanto todos se separavam, eles se abraçaram no meio do povo” (REGO, 2002, p. 61). Essas ações corroboram para reforçar a ideia de que o que une os dois homens vai muito além do desejo sexual que o ambiente da prisão constrói, o que já tinha sido expresso nas comparações feitas por Ricardo entre Manuel e as mulheres que passaram pela vida do jovem Ricardo.

Já em liberdade, Ricardo demonstra sentir saudades do companheiro Manuel e, ao que parece, ele gostaria que fosse possível manter o mesmo tipo de ligação amorosa, que teve em Fernando de Noronha, fora do espaço da prisão. Mas ele reconhece também que, se lá o amor homossexual era possível, embora não aceito, no espaço da liberdade ele não poderia acontecer: “Seu Manuel, na ilha, gostava dele como ninguém. Mas não podia mostrar aquele amor, seria levado ao deboche, olhado como safado. Este mundo era errado, tudo errado” (REGO, 2002, p. 74). Fora de Fernando de Noronha Ricardo acaba digerindo melhor os seus sentimentos por Manuel e reconhece que no cozinheiro encontrou alguém que o amava de verdade: “O amor de seu Manuel enchera-lhe os dias da ilha de uma satisfação incalculável. E não podia falar disto a ninguém. Amor de um homem que era uma miséria para os outros” (REGO, 2002, p. 81).

Esse reconhecimento da forte ligação afetiva com Manuel acompanha Ricardo mesmo depois de ele deixar Recife para voltar a residir junto com sua mãe e irmãos, na várzea do rio Paraíba. Mesmo depois de já estar de volta a sua terra natal, ao lado da família, é de Seu Manuel que Ricardo recorda, nos momentos de solidão:

Às vezes, quando ficava nos fundos do barracão, vinham-lhe umas saudades esquisitas. Lembrava-se de seu Manuel. E era do que não queria se lembrar pela vergonha que tinha. Parecia coisa absurda pensar naquilo. Um homem precisando de outro para certas coisas [...] Lembrava-se de seu Manuel. Lembrava-se mais dele do que de Isaura [...] Quando abria os olhos estava pensando em seu Manuel. Nunca mais viu uma amizade que fosse escrava de outra como aquela. Nunca mais que uma pessoa lhe quisesse tanto bem, lhe fosse tão dedicada (REGO, 2002, p. 155).

A falta de Manuel só é aplacada quando Ricardo entra novamente em outro relacionamento heterossexual com uma moradora do lugar em que o rapaz volta a residir.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Assim, mais uma vez, Ricardo assume um comportamento sexual que é identificado como normal, deixando para trás seu amor irregular.

Palavras Finais:

O romance *Usina* é, dentro da obra completa de José Lins do Rego, o que abertamente discute sobre uma relação homoerótica entre dois homens. Isso porque, além de apresentar a existência de um desejo sexual entre homens, o texto ainda levanta questões de pertencimento ou não ao *ethos* da homossexualidade.

Inicialmente, *Usina* mostra que os relacionamentos homoeróticos que existem na prisão de Fernando de Noronha são vistos como uma contingência de um determinado momento que faz com que um grupo de homens se isolem do convívio com mulheres. Assim, essas relações, na visão do personagem Ricardo (via narrador), são ocasionadas pelas necessidades momentâneas. Essa mesma ideia está presente no romance *Doidinho*, que se passa em um internato de meninos. Mas à medida que a narrativa de *Usina* progride, é construída a ideia de solidificação da relação Ricardo/Manuel, culminando na identificação de uma ligação afetiva que se sobressai ao desejo puramente sexual, embora este não seja nunca abandonado.

Mas, ainda que Ricardo perceba que se sente bem diante da companhia de Manuel e reconheça que o amor que o cozinheiro lhe ofereceu é superior ao que ele viveu com outras mulheres, apenas o cozinheiro Manuel é identificado como pertencente à estereotipia do *ethos* homossexual. Isso ocorre porque Manuel tem uma constante necessidade de se ligar a outro homem e também porque é ele quem se reconhece como alguém que se encontra impossibilitado de se relacionar sexualmente com mulheres: “Tinha aquele fraco. Era uma desgraça um homem precisar de outro, como ele precisava” (REGO, 2002, p. 59). Assim, este personagem é identificado na figura do homossexual que incorpora trejeitos e alcunhas do feminino.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Mas o ponto mais significativo levantado neste romance é o reconhecimento de Ricardo (que não se vê como pertencente ao *ethos* da homossexualidade e que acaba tendo outro relacionamento heterossexual) de que a relação homoerótica que vivenciou com Manuel constituiu a realização amorosa mais expressiva de sua vida, pois é no companheiro da prisão que ele descobre um amor mais completo: “[...] nunca ninguém fora assim dele, fizera dele tudo no mundo. [...] Quem o amara assim? Mãe Avelina, Isaura, Guiomar, Odete? Ninguém no mundo tivera para ele um amor como aquele de seu Manuel (REGO, 2002, p. 61).

Referências bibliográficas:

AZEVEDO, N. P. de. “José Lins do Rego: trajetória de uma obra”. In: COUTINHO, E. F. e CASTRO, A. B. de (Seleção de textos). *José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; João Pessoa: FUNESC, 1991, p. 208 – 224. (Coleção Fortuna Crítica, 7).

BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo/Campinas: USP/Unicamp, 2006.

CARBONEL, Thiago Ianez. *Homoerotismo e marginalização: construções do universo homoafetivo masculino na literatura brasileira contemporânea*. 2006. 292f. Tese (Doutorado em Letras) Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCL-AR), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Araraquara, SP disponível em: http://base.repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/103492/carbonel_ti_dr_arafcl.pdf?sequence=1&isAllowed=y acessado em 03 de mar. 2015, às 14h.

FRIEDMAN, Norman. “O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico”. Trad. Fábio Fonseca de Melo. In: *Revista USP*. n. 53. 2002, p. 166 – 182. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/53/15-norman-2.pdf>> Acesso em 20 de nov. 2011.

REGO, José Lins do. *Menino de engenho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

_____. *Doidinho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

_____. *Usina*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

_____. *Riacho doce*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

_____. *Água-mãe*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

_____. *Pedra bonita*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

_____. *Cangaceiros*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.